

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

**Percepções sociais sobre a prática da autópsia: um estudo na Medicina Legal do Hospital
Central Maputo, Moçambique**

Projecto de Investigação Apresentado em Cumprimento Parcial dos Requisitos Exigidos para
Obtenção do Grau de Licenciatura em Antropologia na Universidade Eduardo Mondlane.

Autor: Luís Sousa Tsandzana

Orientador: Euclides Gonçalves

Maputo, Março de 2013

**Percepções sociais sobre a prática da autópsia: um estudo na Medicina Legal do Hospital
Central Maputo, Moçambique**

Projecto de investigação apresentado em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção
do grau de licenciatura em antropologia na Universidade Eduardo Mondlane.

Autor: Luís Sousa Tsandzana

O Orientador

O Presidente

O Oponente

Maputo, Maio de 2013

DECLARAÇÃO

Declaro que este relatório de pesquisa é original. O mesmo é fruto da minha investigação, estando indicadas ao longo do trabalho e na bibliografia as fontes de informação por mim utilizadas.

Declaro ainda, que o presente trabalho nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente, para a obtenção de qualquer grau académico.

Luís Sousa Tsandzana.

Maputo, Março de 2013

RESUMO

Foi realizada uma reportagem pela televisão de Moçambique¹ na morgue do hospital central de Maputo, relacionada com a conservação dos corpos e a demora da entrega dos mesmos. Nessa reportagem os familiares dos mortos reclamavam a demora da entrega do corpo para a realização das cerimónias fúnebres. Os médicos afirmavam que todos os cadáveres que entram naquela instituição não podiam sair sem que fossem autopsiados e que esta medida era prática em quase todo mundo. Neste projecto, pretendemos compreender as percepções que os indivíduos têm sobre a prática da autópsia e como os familiares dos corpos autopsiados respondem a esta intervenção.

Nas entrevistas que realizamos constatamos que a maior parte dos nossos entrevistados não sabe qual é o fim das autópsias. Porque os resultados das autópsias e causas de morte, não são divulgados as vantagens da autópsia não são conhecidas. Para os nossos entrevistados deveria existir mas divulgação por parte dos serviços de saúde em esclarecer e falar sobre as vantagens das autópsias.

Para a recolha de dados, fizemos recurso à observação participante, entrevistas semi-estruturadas e conversas informais. Em conjunto, estas técnicas permitiram que a recolha de informação não fosse limitada ao contacto no momento das entrevistas e permitiram ao investigador recolher informações e ricos elementos para reflexão.

¹ Novembro de 2011, no programa a grande entrevista.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais Sousa Chiguana Tsandzana e Marta Zita, que me incentivaram a estudar que mesmo com as dificuldades financeiras sempre lutaram para conseguir tornar este sonho uma realidade.

A minha esposa Inocência Fernando e aos meus filhos: Sousa Luís Sousa, Naike Luís Sousa e Fernando Luís.

AGRADECIMENTOS

Ao Departamento da Arqueologia e Antropologia (DAA) aos docentes e, em particular ao meu orientador Euclides Gonçalves pelas observações e comentários significativos feito durante a elaboração da pesquisa.

Aos colegas da turma da antropologia nomeadamente Bom Filho Sargento, Joaquim Tomás, Felícia Massimbe, Fiel Matsinhe, Bendito Magule, José Rodrigues, Ernesto Mulungo, Manuela Ndimande, Celso Jossefa, Castigo Matule, Sandra Uamusse, Alice Moiane, Elisabeth Macie, Elsa Pedro, Augusto Domingos, Manuel Cananda e Camilo Mathe. Entre outros que não foram mencionados muito obrigado pelo apoio e consideração que tiveram por mim e pelo convívio.

Aos meus familiares Arlindo e Nelson Simião, ao meu padrinho António Luís Machaie e sua esposa Joaquina Machaie e sua filha Alice.

Aos meus irmãos Joana Carolina e Luísa Carolina.

Aos meus tios Salvador, Simão e Maria Zita.

Muito obrigado por tudo que vocês fizeram por mim, pela força, compreensão e consideração.

ÍNDICE

| | |
|---|------------|
| DECLARAÇÃO | IV |
| RESUMO | V |
| DEDICATÓRIA | VI |
| AGRADECIMENTOS | VII |
| CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO | 1 |
| 1.1. Direitos do indivíduo, da família e da sociedade em relação ao corpo do falecido | 3 |
| CAPÍTULO 2. MÉTODO DE RECOLHA DE DADOS | 5 |
| 2.1. Área do estudo | 5 |
| 2.2 Importância da autópsia..... | 6 |
| CAPÍTULO 3. PERCEPÇÕES DOS INDIVÍDUOS SOBRE A AUTÓPSIA | 8 |
| 3.1 Percepções sobre a morte e a autópsia | 10 |
| 3.2 Percepções sobre o funeral | 11 |
| 3.3 Impacto da autópsia nos indivíduos | 11 |
| 3.4 Causas da fraca aderência a autópsia | 13 |
| 3.5. Discussão e análise dos dados..... | 15 |
| CAPÍTULO 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS. | 18 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 20 |

CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO

Neste projecto, pretendemos compreender quais as percepções que os indivíduos têm sobre a prática da autópsia e qual o impacto do mesmo nos familiares dos mortos. Numa reportagem sobre a conservação e demora na entrega de corpos na morgue do hospital central de Maputo, passada pela Televisão de Moçambique, os médicos afirmam que todos os cadáveres que entram para aquela instituição devem ser autopsiados. Segundo o jornal Canal de Moçambique "nos últimos anos (de 2007 a 2012), os serviços de medicina legal do Hospital Central de Maputo (HCM) tem vindo a registar uma fraca aderência ao pedido de autópsias devido a demora da entrega dos corpos e da falta de esclarecimento da parte desta Instituição sobre as vantagens do mesmo."²

Autópsia é um exame cirúrgico do corpo de uma pessoa morta. O propósito de uma autópsia é responder às perguntas que há sobre a enfermidade da pessoa ou a causa da morte. Além disso, as autópsias provêm informações valiosas para ajudar os médicos a salvar outras vidas. De acordo com o procedimento na medicina legal do HCM, o exame externo do cadáver, abertura das cavidades craniana, torácica, abdominal e pélvica com exame "in locu" dos respectivos órgãos; retirada dos órgãos das cavidades, dos órgãos do pescoço e do retro peritónio, com avaliação macro e microscópica, lavagem e fechamento do corpo. O corpo é depois deixado à disposição da funerária, juntamente com o atestado de óbito, preenchido pelo médico contendo a causa da morte. No mesmo dia, é elaborado um relatório macroscópico preliminar, com os principais achados do exame. O relatório final da autópsia com os diagnósticos macro e microscópicos deve ser elaborado e liberado em cerca de 60 dias.

Segundo Gonzalez (1991:3-4) é importante que se faça autopsia pois, a contínua realização da autopsia permite o desenvolvimento das ciências médicas e permite também o estudo das características das partes do corpo saudável e após a morte. Porém, existem estudos realizados por vários autores como é o caso de Moguel et al, que afirmam que "a autópsia é um procedimento médico que emprega a dissecação com o fim de obter informações anatómicas

² Jornal da quarta-feira do dia 8 de Agosto de 2012.

sobre a causa, extensão e complicações da enfermidade que sofria em vida o sujeito autopsiado. A sua aceitação está condicionada por factores culturais, sociais e religiosos" (1997: 171). Para Sonderegger (2000:34), o declínio no número de autópsias, em hospitais e instituições é amplamente reportado, inicialmente em países do primeiro mundo e posteriormente em muitos países em desenvolvimento. As causas para esta tendência são múltiplas e complexas, incluindo aspectos culturais, religiosos, familiares e médicos.

O factor cultural está representado por um nível educativo e um ambiente intelectual de uma determinada sociedade. No entanto, o mesmo autor afirma que, as sociedades onde o nível educativo é mais alto se aceita a dissecação em seres humanos do que nas sociedades menos educadas. Também a forma de perceber a morte é um factor social que facilita ou dificulta a aceitação da autópsia. A razão pela qual na antiguidade recorria-se a magia ou astrologia.

França, na sua abordagem sobre a prática da autópsia defende que a necropsia, é em si própria de capital importância social no interesse colectivo do progresso científico ou na determinação da causa de morte. Actualmente, em certos países a tendência do poder público é de autorizar as instituições hospitalares a praticarem mesmo sem autorização da família (2011: 388).

É necessário, no entanto, que se entenda que o cadáver não é simplesmente matéria inanimada, e antes de tudo o que foi um homem na plena aceção do termo. Deve ser considerado como integrante de personalidade. Segundo o mesmo autor, o ideal deve-se encontrar uma maneira de ajustar o respeito a dignidade do morto, com os interesses da família e da sociedade dentro das normas estabelecidas e dos costumes consagradas.

A morte é um assunto amplamente estudado por diferentes pensadores especializados. Frente aos estudos, observa-se que as percepções, ideias, sentimentos em relação à morte estão diretamente ligadas ao contexto sócio-cultural e histórico das diferentes civilizações. O corpo é portador de significados e não podem ser desrespeitados por serem costumes trazidos de gerações passadas. Fachel et al no seu estudo centrado nas percepções sobre o corpo, concluiu que o corpo humano deve ser pensado como portador de significado social. Desde os primeiros anos da vida, tem o conhecimento de como está constituído o seu corpo antes de ser definidos os modelos

anatômicos médicos (biológico, ou das ciências médicas) (1984;37-53). O factor cultural ainda reside nos indivíduos pois, nas entrevistas que realizamos sobre o respectivo tema, os nossos entrevistados afirmam que quando um morto é autopsiado este não ressuscita e se ressuscitar sua alma não irá regressar a sua zona de origem.

1.1. Direitos do indivíduo, da família e da sociedade em relação ao corpo do falecido

Segundo França "homem que cede seu cadáver a uma instituição científica deve ser amparado pela lei e consagrado pelos costumes. Por sua vês a vontade da família não pode ser contrária a do morto, a não ser que esta vontade venha a contrariar a ordem publica ou moral, ou ainda que a família não tenha condições materiais de executar a ultima vontade do morto" (2001: p?). Assim sendo, a família jamais poderá ceder o cadáver a uma instituição de ensino ou científica se essa não era a vontade do morto.

O corpo representa igualmente um valor, e o reconhecimento do direito da família sobre o cadáver respeitando o princípio da piedade e em última análise a protecção dos direitos da sociedade em seus interesses superiores. É necessário que se entenda que o cadáver não é simplesmente uma matéria inanimada pois, se o homem tem direito de viver conforme suas concepções filosóficas e religiosas, ele também tem direito de exigir que suas vontades sejam respeitadas e executadas após sua morte.

A antropologia têm procurado desenvolver estudos que refletem a relação entre a vida e a morte, e não apenas entre a morte e o além. Também a psicologia tem feito importantes pesquisas sobre o luto e as perdas. Entre a dor da morte e a esperança na vida eterna, é preciso estudar os fatores que influenciam o luto das pessoas. Esse cuidado ao lado antropológico pode ser iluminado por aspectos da tradição Cristã que estimulam tanto a consciência da limitação da vida, quanto a sua total transcendência. "A reflexão sobre a vida não deixa de contemplar o limite e as perdas como ocasião de compreender o mistério da existência. A sociedade de consumo³ e a busca do bem-estar ensinam que só vale a pena viver se há o máximo de satisfação e prazer" (Brustolin 2006: 455).

³ Sociedade capitalista.

Este estudo é inspirado no trabalho de Queiroz que defende que a religião e cultura manifestam-se da mesma forma e defende que "cada sociedade estabelece representações e comportamentos em torno dos seus usos, hábitos e práticas" (2005:40). Este autor põe em causa a visão trazidas por defensores da perspectiva biomédica segundo a qual a prática da autópsia tem uma relação de causalidade com o progresso das ciências médicas e argumenta que a aceitação ou recusa constitui um acto social e a sua violação pode significar uma denúncia coletivas da transgressão das regras sócio-cultural inerentes a cada sociedade.

Temos a salientar que o interesse pelo tema surge das observações que temos feito no terreno HCM, local de trabalho do investigador, e das conversas que tivemos com os familiares dos mortos. Estes têm alegado que não estão a favor da prática da autópsia pois, os corpos das vítimas ficam muito tempo e demoram liberta-los para a realização das cerimónias fúnebres.

Diante de diferentes possibilidades, definimos como objectivo geral identificar e compreender as representações sociais sobre a prática da autópsia. A nossa pergunta de partida, consistirá em descrever quais as percepções que os indivíduos têm sobre a prática da autópsia?

Este trabalho está organizado em quatro capítulos. Neste primeiro capítulo, encontraremos a introdução e o problema da pesquisa. Discutimos ainda o conceito de autópsia, sua importância encontramos ainda os direitos do individuo, da família e da sociedade em relação ao falecido. No segundo capítulo apresemos a área de estudo, o método de recolha de dados e os desafios da pesquisa. No terceiro capítulo apresentamos as percepções dos indivíduos sobre a autópsia, a resposta destes nos casos em que parentes falecidos são autopsiados. No quarto capítulo resumimos os resultados do estudo e exploramos possíveis avenidas de pesquisa futura.

CAPÍTULO 2. MÉTODO DE RECOLHA DE DADOS

Para alcançarmos os objectivos da nossa pesquisa recorreremos as técnicas e métodos antropológicos nomeadamente a observação participante e as entrevistas semi-estruturadas. A entrevista semi-estruturada segundo Marconi e Lakatos (1999), permite ao entrevistador uma liberdade para desenvolver cada questão em direcção que considere adequada. Ou seja, a entrevista semi-estruturada permite ao investigador retirar das suas entrevistas informações elementos de reflexão ricas e sua caracterização por um contacto directo entre o entrevistador e os seus interlocutores.

A observação participante segundo Malinowski (1922) o observador deve estar presente no campo de estudo onde transcreve para seu diário de campo tudo o que vê. É importante salientar ainda que o observador não pode confiar unicamente na observação participante pois, visto que a memória é selectiva e eliminaria uma grande variedade de comportamentos importantes para a pesquisa.

Por último, tivemos conversas informais com os familiares dos mortos em diferentes lugares, em ambiente no qual se sentiam à vontade fora da sua jornada laboral diária, o que sem dúvidas proporcionou melhor interação e recolha de informação sobre o tema. Temos a salientar que as entrevistas foram efectuadas no hospital central de Maputo e em alguns locais ou seja nas residencias dos nossos entrevistados.

2.1. Área do estudo

O serviço de medicina legal está localizado no recinto do hospital central de Maputo, de 1975 a 1989 era constituído por pessoal médico e serventuário do serviço de Anatomia Patológica. O Hospital Central de Maputo localiza-se no bairro central, entre as avenidas Agostinho Neto, Salvador Allende, Eduardo Mondlane e avenida Tomas Ndunda. O hospital inicialmente era conhecido como sendo “Rainha D. Amélia”, nome da soberana esposa do rei D. Carlos e entre 1914 e 1921 foi tomou a designação de hospital central Miguel Bombarda, após a independência

em 1976 tomou o nome de Hospital Central de Maputo. Este hospital possui uma estrutura horizontal (multi-bloco) com cerca de 35 edifícios, ocupa uma área de 163.800m².

Salientar que o HCM é um hospital de referência nacional. Esta instituição é a última instância e a mais diferenciada de assistência médica no país. Assiste directamente a cerca de 2.000.000 habitantes do Grande Maputo (cidades de Matola e Maputo) onde apenas existem 2 hospitais gerais. O hospital é também uma instituição de ensino que serve directamente como campo de aulas e estágio para a Faculdade de Medicina da Universidade Eduardo Mondlane, Instituto Superior de Ciências de Saúde e Instituto de Ciências de saúde de Maputo. A instituição recebe para estágio estudantes dos cursos de Direito, Farmácia e Medicina dentária de três instituições de ensino superior, nomeadamente: Hospital de Investigação Científica, Hospital de Formação em pós-graduação médica e colabora com instituições de ensino superior de vários na áreas e especialidades clínicas.⁴

2.2 Importância da autópsia

Segundo Kiesel (s/d), a função primordial da autópsia é fundamentar as causas que levaram a morte da vítima e se possível estabelecer sua causa jurídica, mas nunca deve ser feita sem autorização da família em especial nos doentes cuja morte foi natural. Este procedimento ocorre quando o médico tem dúvida sobre diagnóstico da morte.

A obrigatoriedade da execução da necropsia⁵ está regulada no Código de Processo Penal no artigo 162: “A autópsia será feita pelo menos 6 (seis) horas depois do óbito, salvo se os peritos, pela evidência dos sinais de morte, julgarem que possa ser feita antes daquele prazo, o que declararão no auto”.

Não existe dispositivo legal que obrigue a realização de uma necropsia anatomopatológica, mas os hospitais costumam solicitar aos familiares ou responsáveis um termo de permissão. Somente com autorização da família ou responsáveis pode-se fazer uma necropsia em paciente cuja morte for natural. Isso ocorre quando o médico tem dúvidas quanto ao diagnóstico de morte.

⁴ Estas informações podem ser consultadas na administração do HCM e nos RH.

⁵ Autopsia.

Quanto ao destino do cadáver, poderá ser realizado inumação simples ou cremação do corpo. A inumação simples é o procedimento mais comum a se realizar. Verificado o óbito procede-se à confecção do atestado de óbito pelo médico que assistiu o paciente ou realizou a necropsia, e a aquisição da certidão de óbito pela família no cartório. Nenhuma inumação ou cremação pode ser realizada sem tal documentação. O cadáver é levado ao cemitério e inumado em túmulos ou jazigos, ou cremado em crematórios específicos.

De acordo com o Código de Processo Penal (CPP), artigo 162, a autópsia é feita por um médico-legal e visa atender aos requisitos formulados no laudo de exame cadavérico sendo esses: (1) Se houve morte? (2) Qual a causa da morte? (3) Qual o instrumento ou meio que produziu a morte? (4) Se foi produzida com o emprego de veneno, fogo, explosivo, asfixia, tortura outro meio insidioso ou cruel?

Segundo Alcântara (2006:33) o Código de Processo Penal defende que para realização de necropsias⁶, seja no âmbito clínico ou médico-legal, estas deverão ser realizadas após a sexta hora do óbito, salvo se os peritos, pelas evidências dos sinais de morte, julgarem que possa ser feita antes desse prazo.

⁶ Autopsia.

CAPÍTULO 3. PERCEPÇÕES DOS INDIVÍDUOS SOBRE A AUTÓPSIA

Para alguns dos entrevistados estes afirmam que a prática da autópsia vem mostrar a incapacidade que os médicos têm em diagnosticar patologias ao paciente ainda em vida porque depois da morte estes fazem autópsia para descobrir a causa da sua morte como afirma (Virgílio Cossa, 35 anos motorista)⁷:

É falta de respeito, dissecar o cadáver do ser humano, esses médicos são mal formados, deixam de tratar a pessoa em vida só depois da morte. Eles cometem muitas falhas, é por isso pedem autópsia sem autorização da família para julgar os erros deles. Autópsia é outro crime. Há pessoas que entram nos hospitais com seus pés, e saem de maca para medicina legal. A minha tradição não permite ser autopsiada.

De acordo com este entrevistado a prática da autópsia vem mostrar a incapacidade dos médicos em curar ou descobrir as causas da morte dos indivíduos em vida e a prática deste serve para corrigir os erros cometidos nas vítimas em vida.

Das entrevistas que tivemos com os nossos interlocutores, constatamos que ainda existe uma fraca percepção sobre a prática da autópsia pois, alguns dos nossos entrevistados ainda trazem vestígios passados que consiste na valorização das práticas culturais como acreditar que quando um corpo for autopsiado este não ressuscitará e não voltará a sua origem e se for a voltar voltará incompleto. Também acreditam que a prática de enterrar os corpos em quintais a casa ficará protegida dos espíritos intrusos ou malignos.

Queiroz firmou que o “homem passou a fazer parte dos experimentos e o seu cadáver ganhou grande importância entre os vivos, o que levou a sociedade e a inúmeros questionamentos nos campos social, moral e religioso, principalmente no que se refere ao uso do cadáver humano ou parte dele nestes experimentos” (2005:7). Porém, estas formas de pensar e agir entram em contradição com as percepções culturais dos indivíduos pois, segundo nossa entrevistada (Guilhermina Amaral 57 anos)⁸ afirmou-nos o seguinte:

As vantagens que vejo da autópsia é que uma pessoa autopsiada não ressuscita e não se transforma em fantasma como acontecia nos tempos passados, há zonas que

⁷ Entrevistado no HCM dia 20/07/12.

⁸ Entrevistada no bairro central dia 01/10/12.

não se podia passar de noite porque havia um cemitério por perto e porque as pessoas que haviam sido enterradas não tinham sido autopsiadas. Actualmente pode se entrar no cemitério sem risco de deparar se com fantasmas, nas zonas rurais existem fantasmas e isso acontece porque as pessoas são enterradas sem serem autopsiadas e são enterradas nos cemitérios familiares e em casa, não existe cemitério municipal. Os fantasmas são como polícias eles protegem a zona e não atacam a qualquer indivíduo.

Como se pode ver nas declarações da nossa entrevistada a percepção que os indivíduos têm sobre a autópsia é contextual ou seja, é válida de acordo com o contexto em que os indivíduos estão inseridos.

Para alguns a prática da autópsia é vista como sendo falta de respeito com os mortos e que o governo deveria proibir este procedimento porque acreditam que os mortos, após a morte ressuscita e quando estiver autopsiado não ressuscitam e a família não terá uma protecção dos seus antepassados ou espiritual. Acredita se que os mortos após a morte ressuscita e o seu espírito vem proteger a sua família. Segundo os nossos entrevistados, não acontece nada com o corpo mas sim com o espírito que será julgado de acordo com os actos que teve enquanto estava vivo. Seu espírito vai para o céu.

A alma sobe e é encaminhada para o céu. Na parte religiosa o corpo fica e a alma sobe para o purgatório para ser julgada. Porém esta percepção que alguns dos indivíduos tem vem ser questionado por alguns agentes da saúde porque segundo estes técnicos da saúde o trabalho da autópsia não é feita por qualquer indivíduo e todos os técnicos que ali trabalham passam por uma formação como afirma o nosso entrevistado (Virgílio. F)⁹:

Quem faz autopsia é o médico, não faz sozinho normalmente são dois, aqui temos alguns médicos Cubanos. Quem pede autópsia não é a família, é o médico que assistia o paciente na enfermaria, ou autoridade judiciária no caso de mortes violentas. Os resultados da autópsia são arquivados nos processos, o médico que assistia o doente antes da morte é que tem a obrigação de informar a família. O nosso trabalho é autopsiar os cadáveres.

Como se pode ver nos argumentos do nosso entrevistado, a autópsia não é feita por um indivíduo qualquer existem pessoas com qualificação e formação que fazem este serviço e que a prática do

⁹ Entrevistado no HCM dia 20/07/12.

mesmo requer conhecimento, em muitos casos os familiares das vítimas não pedem para fazerem autópsia dos corpos.

As autópsias são procedimentos caros envolvem dependências e equipamentos especiais, corpo médico e técnico especializado, muitas horas de trabalho na realização, preparo das peças, seguimento dos fragmentos para histopatologia, exame das lâminas, feitura dos relatórios macro e microscópicos, apresentação e discussão dos achados em reuniões anatomoclínicas.

3.1 Percepções sobre a morte e a autópsia

Segundo a tradição islâmica, a vida humana 'é sagrada e tudo deve ser feito para protege-la, o mesmo vale para o corpo que não deve ser mutilado em vida ou depois da morte. Segundo esta religião, quem morre deve ser enterrado dentro de 24 horas, defendem ainda que o corpo do morto deve ser lavado por um muçulmano do mesmo sexo e depois perfumado com cânfor e envolto em um grande tecido de algodão, o mesmo pode se ver nas declarações do nosso entrevistado Saíde Shande (52 anos)¹⁰:

Nós muçulmanos, não aceitamos fazer autópsia porque o corpo não pode ficar 24 horas sem ser enterrado, em caso duma morte de um muçulmano fora do hospital levamos o corpo ao hospital apenas para termos a certidão de óbito, e em seguida levamos o mesmo para a mesquita onde ira ser lavado e posteriormente a realização das cerimónias fúnebres.

Como se pode ver nas declarações do nosso entrevistado existe uma diferença entre percepção da morte entre os muçulmanos e os cristãos, para os muçulmanos estes não acreditam na vida eterna e, segundo esta religião logo que um indivíduo perde a vida deve ser enterrada de imediato e sem ser autopsiado porque para os muçulmanos o morto não deve sofrer duas vezes isto é: com doença e depois da morte com a autópsia, como podemos ver nas declarações do nosso entrevistado Abdullahi Abdul (42 anos)¹¹:

¹⁰ Entrevistado no 02/10/12, na mesquite Masjid Taqwa Av. Eduardo Mondlane.

¹¹ Entrevistado no dia 02/10/12, no BIM rua Timor Leste.

O indivíduo após a morte não pode ser julgado aqui na terra porque só lhe resta o funeral e o tempo que o corpo sem vida tem, não permite que o médico faça autópsia porque logo que morre nos estamos ali no local para levarmos o corpo para a mesquita onde será preparado o corpo para a cerimónia e, a nossa religião não permite que o corpo seja torturado duas vezes com a doença e com a autópsia.

Como se pode ver nestas declarações do nosso entrevistado, os muçulmanos não acreditam na vida eterna e na ressurreição após a morte, os cristãos creem na vida eterna acreditam que após a morte o espírito vai para o céu ou para o inferno, conforme os actos praticados em vida creem no juízo final.

3.2 Percepções sobre o funeral

Durante a nossa pesquisa e nas conversas informais que tivemos com os nossos entrevistados alguns disseram-nos que a cerimónia fúnebre é vista como sendo como sendo um meio ou seja o ponto de encontro entre as famílias que vivem em lugares distantes quando trata-se da morte são obrigados a virem a enlutada.

Alguns dos nossos entrevistados afirmaram-nos que o funeral tem um valor e significado sentimental e é trans-geracional, mesmo quando os indivíduos não se entendem durante em vida quando se trata da morte o outro indivíduo que ainda vive sente-se comovido ou recentidos em prestar o último adeus ao malogrado. Os funerais constituem um elo de ligação entre os indivíduos e a comunidade.

Segundo Reis “os funerais são eventos preciosos para a compreensão de conflitos e possibilidades de acomodação que cercam as relações de sociabilidade em contextos de pluralismo religioso” (1996:102).

3.3 Impacto da autópsia nos indivíduos

Das observações e entrevistas que fizemos no terreno, constatamos que os indivíduos ainda têm pouca percepção sobre a autópsia e isto é justificado pelas construções que são trazidas ou seja construídas dentro de cada contexto pois, segundo alguns autores como Wecker (2002) e

Pertrucelli (1997) o estudo do cadáver recomeçou ou seja foi mas por razões práticas que intelectuais e o motivo importante para a dissecação humana foi o desejo de saber a causa da morte por razões essencialmente médico-legais de averiguar o que matou o indivíduo.

Porem estes estudos divergem com os hábitos e costumes dos indivíduos porque em algumas sociedades estes estudos são recentes e os indivíduos que nela habitam ainda carregam bagagem trazidas da tradição e isto pode ser visto nos argumentos dos nossos entrevistados (Domingues Dias 29 anos Circulante)¹²:

Estou a fazer este trabalho porque quero dinheiro dissecar uma pessoa morta é diferente de uma galinha. Os médicos só indicam as partes que precisam para analisar e nós temos que cortar. Não vejo a vantagem da autópsia no nosso país, continuamos a morrer, aqui só fazem autópsia para ensinar os estudantes. Muitos desmaiam, e no dia seguinte não voltam. Já disse que faço porque quero dinheiro. Tenho colegas que ficaram com alterações de comportamento (alucinações). Quero sair desse serviço, antes que também fico. É arriscado trabalhar com pessoas mortas cada um tem a sua tradição, e você tem que enfrentar. Aqui estamos na presença da morte.

Como se pode ver nos argumentos deste nosso entrevistado são vários motivos que lhe levam a fazer este trabalho uns são por consideração a profissão e para outra porque representa uma forma de ganhar a vida.

Mas o que podemos salientar nos argumentos deste nosso entrevistado é que segundo ele, este trabalho requer muita coragem e sacrifício pois, muitos colegas dele e até mesmo os estudantes da medicina não conseguem suportar o impacto que esta profissão exige. Este trabalho é muito pesado e os indivíduos que nele trabalham devem ter um acompanhamento psicológico para evitar perturbações mentais.

O mesmo é salientado pelo nosso entrevistado (Luís Trindade 50 anos Carpinteiro)¹³: onde afirma que:

¹² Entrevistado no dia 07/07/2012, 10 horas, Medicina legal H.C.M.

¹³ Entrevistado no dia 20/07/2012, 14 Cidade de Maputo.

É penas porque já não serei eu a decidir, não aceitaria ser autopsiada. A minha religião também não valoriza muito o papo dos médicos. Deixam de investigar a doença da pessoa ainda em vida só depois da morte é que querem saber a causa da morte? Não tem lógica essa autópsia. Não vai ajudar acordar o morto quando muito só vai atrasar a realização do funeral. Na conservação dos corpos sempre há reclamações. Autópsia não ajuda em nada talvez lá no mundo ocidental. Essa coisa não é dos africanos, é dos europeus gente rica. Autópsia não esclarece nada porque se esclarecesse também teriam conseguido curar SIDA. Os médicos não consultam a família se querem que o cadáver seja autopsiado. O meu tio foi autopsiado até agora não sabemos a causa da morte. No banco de socorro disseram que tinha trombose. Os médicos da medicina legal não aceitaram entregar o corpo antes de ser autopsiado.

Como se pode ver nem mesmo os funcionários da morgue estão de acordo com a pratica da autopsia pois, são vários os motivos dentre as quais destacam se os motivos culturais e religiosos.

Há valores éticos, espirituais, psicológicos, culturais e religiosos envolvidos no processo. O comportamento de cada pessoa está sem dúvida atrelado ao modo como ela foi instruída antes de atravessar a porta para esta aprendizagem, sem esquecer que a própria pessoa, a partir de suas experiências, valores e educação, entre outros elementos, também exerce grande influência.

Se nós ativermos à imagem simbólica que o laboratório de anatomia representa, sendo muitas vezes “sagrado” e em outras tantas vezes “profano”, perceberemos o quanto o comportamento da pessoa em seu interior a qualifica.

3.4 Causas da fraca aderência a autópsia

Após as entrevistas e leituras por nós realizadas, verificamos que são múltiplas as causas que levam os indivíduos a não aderirem a prática da autópsia e salientar também que para os nossos entrevistados existe uma fraca percepção ou seja divulgação sobre a importância da autópsia durante a realização do trabalho de campo verificamos que factores culturais, religiosos são tidos como sendo um dos motivos que contribuem para a fraca adesão a autópsia.

Para os nossos entrevistados o factor cultural é pertinente pois, acreditam que não porque este se for autopsiado não irá ressuscitar e porque os seus antepassados não foram autopsiados.

Durante a realização do trabalho de campo verificamos que existe também uma fraca percepção nos técnicos de saúde sobre a importância da autópsia pois, alguns alegam desconhecem a utilidade da autópsia, o desconhecimento dos procedimentos administrativos, existência de fraca comunicação entre os superiores e técnicos e outros. De salientar ainda que por parte dos familiares das vítimas estes afirmam que existe uma falta de comunicação dos médicos e os familiares, uma informação inadequada sobre o valor da autópsia e para estes familiares das vítimas a prática da autópsia faz com que se demore a realização das cerimónias fúnebres dos mortos.

Segundo o colégio americano de patologias, a realização das autópsias devem ser feitas consoantes um pedido por parte da família das vítimas em caso de alguma dúvida relacionada com a morte do seu ente querido e esse procedimento obedece critérios jurídicos legais. Efectuar um pedido de autópsia não é fácil porque requer um pedido formal escrito e explicar as razões, os benefícios, o interesse declarar as possíveis preocupações e para que serviram os resultados.

Os resultados das autópsias não só clarificam as causas da morte, também vem valorizar os cuidados que os médicos e as falhas que os médicos cometem durante a realização do mesmo. O mesmo também descobre as infecções contagiosas e hereditárias. Salientar que segundo este colégio americano de patologias, afirmam que a realização das autópsias vem ajudar explicar as complicações médicas existentes.

Os conceitos relacionados com a morte têm-se modificado e transformado através do tempo no meio social. Segundo Lepargneur (1986) encontram-se, na humanidade, quatro abordagens religiosas sobre a morte: budismo, judaísmo, espiritismo e cristianismo. Todavia, as pessoas estão de acordo com algumas e em desacordo com outras.

Assim como pensa Kübler-Ross (1992), ao acompanhar uma pessoa no final de sua vida, deve-se conhecer seu pressuposto antropológico a fim de respeitá-la em sua visão da vida e de morrer.

Com isso, a morte torna-se mais que um evento biológico, uma vez que tem dimensão social, psicológica, filosófica, antropológica, espiritual e até pedagógica.

Afinal, é natural que questões sobre o significado da morte e o que acontece quando se morre surjam no decorrer da evolução humana.

A morte é sempre algo muito pessoal; responder aos medos e às condições humanas da pessoa sempre envolve responder a si mesmo, ela faz parte do processo de desenvolvimento humano e está presente em nosso cotidiano.

Diferentes profissionais – especialmente os profissionais da saúde – interagem com o processo de morte e morrer na sua actividade profissional. Entretanto, além de estarmos inseridos num contexto sócio-histórico de negação da morte, a formação profissional caracteriza-se pela ênfase nos aspectos teórico-técnicos.

Considerando que a compreensão sobre a morte influencia na qualidade de vida da pessoa e também na maneira como ela interage na sua actividade profissional com o processo de morte e morrer, procuramos neste artigo fazer uma reflexão sobre os aspectos psicossociais envolvidos na morte, tendo em vista a sensibilização sobre a importância de discutir e reflectir sobre a morte, considerando-a parte do desenvolvimento humano.

3.5. Discussão e análise dos dados

A morte faz parte do processo de vida do ser humano. Portanto, é algo extremamente natural do ponto de vista biológico. Entretanto, o ser humano caracteriza-se principalmente, pelos aspectos simbólicos, ou seja, pelo significado ou pelos valores que ele imprime às coisas. Por isso, o significado da morte varia necessariamente no decorrer da história e entre as diferentes culturas humanas.

As questões da imagem corporal têm representado a aceitação ou não do indivíduo em todas as esferas (social, cultural, política e económica) da sua interacção, seja no trabalho ou nas relações pessoais, podendo o corpo tornar-se inclusive factor de discriminação e exclusão social, caso o indivíduo estiver fora dos limites estabelecidos pelos padrões vigentes em nossa sociedade.

A religião possui um significado social, uma eficácia simbólica. A fé oferece um sentido a vida, consolo a fé esta ligada a vida concreta dos que nela depositam sua crença. Em toda religião

encontramos um problema central que é salvar o homem da incerteza e dar sentido a sua vida no mundo e após a morte.

Segundo Kovacs “as religiões têm um papel muito importante para a humanidade, principalmente quando o sofrimento e a dor se fazem presentes, oferecendo conforto e solidariedade no momento de dor” (2003). Para Lamb “a religião e a cultura se manifestaram sobre a morte antes de serem definidos os critérios médicos. O culto aos mortos foi a primeira manifestação da religiosidade do homem primitivo, perplexo diante do mistério desconsentante da morte” (2001).

Segundo Ferreira "a fé na sobrevivência da alma depois da morte do corpo é uma constante desde os primórdios da civilização ocidental, e as diferenças de concepções variam de acordo com a elaboração da personalidade de cada indivíduo" (2002).

Salientar que as crenças religiosas fornecem uma excelente rede de apoio nas tentativas de negação e dominação da mortalidade. O corpo é a base da percepção e organização da vida humana nos sentidos biológicos, antropológico, psicológico e social". Desse modo, todo nosso agir, falar, sentir, andar e pensar representam modos de vida diferentes, de um determinado grupo social.

É dentro desse contexto que o corpo passa a ser cultuado¹⁴. Um culto que exige em sua maioria sacrifícios. O corpo passou a ser palco privilegiado da ascensão da aceitação social e segundo Foucault "o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo" (1979).

O corpo em si, comunica mais do que o próprio indivíduo, já que é por meio dele que se dá a primeira percepção do mundo exterior ao nascer, antes mesmo da consciência do próprio ser. O corpo tornou-se um símbolo dentro da sociedade que o considerará aceitável, ou não, conforme a cultura daquela estrutura social. O indivíduo é visto através de uma lente cultural. Há uma idealização da imagem corporal como padrão que deverá ser seguido, e acontece o mesmo com o corpo sem vida.

¹⁴ Percebido de acordo com o contexto em que esta inserido.

O factor cultural ainda reside nos indivíduos pois, alguns afirmam que quando um indivíduo nasce o corpo é modelado por um contexto social e cultural, pois verifica-se que os indivíduos continuam a valorizar suas crenças ou hábitos e costumes da sua origem. É o primeiro objecto de comunicação porque, antes de começar a falar com o outro, nós o olhamos e prestamos atenção a uma infinidade de dados físicos e de vestuário que, por um lado, condicionam o tom da conversa.

A morte não é um instante, mas um processo biológico e espiritual. O ser humano é essencialmente um ser para a morte: aprender a viver é aprender a morrer - as religiões são depositárias dessa sabedoria. “A morte, fisicamente, só atinge o outro, os outros. Mas o facto inexorável e iniludível, esse não sei quê que não tem nome em língua nenhuma, está carregado de significados sociais e culturais” (Machado 1999)

Segundo Carlos Machado, (1999:11) a morte é, então, e antes de mais, um facto cultural, pelas representações que induz, quanto à sua natureza e origem, pelos fantasmas e imagens que suscita, pelos meios que mobiliza para se recusar ou para se ultrapassar. As sociedades querem reencontrar a paz e triunfar, idealmente, sobre a morte. Repousam, por isso, num desejo de imortalidade.

Não é possível perceber a morte apenas como uma finitude fisiológica, como se a morte fosse a negação da vida ou o fim do sujeito que vive no tempo e no espaço. O ser humano, diferente dos demais seres, sabe que vai morrer, tem consciência dessa limitação e por isso não nasce determinado e nem se move apenas por impulsos biológicos, mas vai construindo sua vida e se construindo. É morrendo que se vive para o eterno. Não se trata de dar uma resposta sobre o mistério da morte, mas pretende-se iluminá-lo.

Segundo Edgar Morin, (1988:31) a dor provocada por uma morte só existe se a individualidade do morto tiver sido presente e reconhecida: quanto mais o morto for chegado, íntimo, familiar, amado ou respeitado, isto é, «único», mais a dor é violenta; não há nenhuma ou há poucas perturbações por ocasião da morte do ser anónimo, que não era insubstituível.

Capítulo 4. Considerações finais.

Após um longo período de pesquisa e diante dos resultados que aqui trazemos, concluímos que a representação social ou a forma como os indivíduos reagem acerca do que acontece com o corpo humano após a morte mostra como sendo contextual aqueles que são trazidos de sua cultura ou seja locais onde cada um indivíduo encontrava-se, particularmente aspectos da religião cristã.

O cristianismo significa essa esperança que devolve a vida a quem se encontra em meio ao luto. A esperança cristã é promessa e certeza de uma vida humanizada, sempre aberta ao novo, apesar e acima de qualquer sofrimento, porque consciente de um sentido maior e mais profundo da própria existência, capaz de assegurar a superação do medo e resgatar do vazio existencial, a morte do ser.

A morte é um mistério da vida de cada indivíduo, e pensar no que acontece com o corpo após a morte continua sendo um mistério e são construídos vários tabús em volta do corpo humano em particular relacionados com a morte. Apesar da grande variação nas circunstâncias da morte e no tipo de pessoas que passaram por ela, a verdade é que existe algo em comum em quase todos nossos entrevistados ou seja, todos acreditam num tipo de outra vida além da morte, independentemente da crença religiosa. São construções realizadas no quotidiano, nos contextos sócios culturais as quais os indivíduos estão inseridos, e é a partir das suas experiências pessoais, das suas crenças e valores que são construídas ou seja, que devemos entender se os indivíduos devem ou não aceitar ou rejeitar a prática da autópsia.

Para entendermos o impacto ou as percepções da autópsia nos indivíduos ou dentro duma determinada sociedade temos que percebermos quais os significados que essa mesma sociedade se organiza, quais as construções, tabus e mitos que existem em torno do mesmo. Após uma inteiração ou leitura da realidade que vigora nessa comunidade estaremos em condições de perceber e interpretar qualquer realidade ou situação que procuramos sem ferirmos ou produzir resultados falsos do nosso objecto estudado.

Esse trabalho pretende trazer uma reflexão plural e levantar questões sobre as diferentes perspectivas e significados atribuídos a da morte, a autópsia e a visão dos familiares de falecidos

em relação ao mesmo assunto e, a partir disso, saber qual a simbologia. Segundo Geertz (S/d) "as sociedades usam símbolos para expressar a sua visão do mundo, os valores de orientação. Consideram símbolos como sendo um veículo da cultura e não devem ser estudados em si mesmo, mas antes como elementos que revelam sobre a cultura". Mais especificamente, buscou-se aqui fazer um breve estudo sobre as abordagens da morte e sobre a autópsia, por meio de entrevistas, saber como as pessoas (familiares entrevistados) lidam com a morte e com a autópsia na prática.

Para compreendermos o porque de não-aceitação ou da fraca aderência a prática da autópsia passa primeiramente em perceber quais os valores, significados e construções que existe em cada grupo étnico ou indivíduo, só depois de percebermos esses valores e significados é que iremos entender o porque da fraca aceitação a autópsia. Segundo França (1998,2001) "a lei não pode ser vista como sendo um obstáculo, porque ela não impõe que o cadáver seja autópsia". É necessário o repensar nos valores humanos, e se preciso estabelecer programas de reeducação ou modificação daqueles valores que não condizem com o efectivo exercício das profissões da área da saúde.

Concluir dizer que há que se pensar que a função ou seja, a importância da autópsia não se restringe apenas ao diagnóstico da morte ou padrões de doenças, mais engloba perspectivas futuras para avanço da medicina influenciando programas de saúde e de investigação epidemiológica, também deve se valorizar as crenças, os costumes das sociedades ou dos indivíduos pois, para o avanço da ciência achamos que os aspectos culturais devem ser tomados em consideração de modo a não existir uma confronto entre a ciência e aspectos culturais.

Referências bibliográficas

AMARAL. F. 2012, A moralidade dos actos científicos. Publicações moralidade. Brasil.

FOUCAULT. Michel 1979, Micro física do poder. Rio de Janeiro: Graal

AMAT, José H. M. 2003, La autopsia: Experiência cubana. REA, La Habana, EJAutopsy,

BERNADET R, Cañadas E, Bombí JA, Cardesa A, Sirvent JJ. 1986, La autopsia clínica en el control de calidad hospitalario. Patología ; 19: 29-32.

EEPERT, Amparo. N. 2004, Aproximación a La historia de las autopsias I. Civilizações Antiguas. Medicina Hipocrática. Escuela de Alejandría. Galeno. REA, Madrid, EJAutopsy, p.3-8.

ESPERT, Amparo. N. 2004, Aproximación a La historia de las autopsias II. Edad Media. REA, Madrid, EJAutopsy, p.9-15.

ESPERT, Amparo. N. 2004, Aproximación a La historia de las autopsias III. –Época prevesaliana. Renascimento. Vesalio. Época postvesaliana. REA, Madrid, EJAutopsy, p.16-25.

ESPERT, Amparo. N. 2004, Aproximación a La historia de las autopsias IV. S. XVIII Ilustración. S. XIX Romanticismo. REA, Madrid, EJAutopsy, p.16-41.

ESPINOSA, Benjamín. G. 2008, Generalidades sobre las autopsias, REA::EJAutopsy, p.4-18.

FRANÇA, G.V.2004, Medicina Legal, 7 ed. Rio de Janeiro, Guanaara Koogan. <http://www.sponline.org/links.htm#autopsy> [Royal College of Pathologists](http://www.royalcollegeofpathologists.org/).

FANCHEL et al. 1984, O corpo como dado material etnográfico e aplicação de análise factorial de correspondência. DIFEL. São Paulo.

FRANÇA, G.V.2004, Medicina Legal, 7 ed. Rio de Janeiro, Guanaara Koogan, 2004;

FERNÁNDEZ, Fidel. F., GALLO, Ángel. E., FERNÁNDEZ, Marta. M. & MERINO, Isabel. G.2004, Objetivos e indicadores de La autopsia clínica, Revista Eletrónica de Medicina Intensiva, Artículo especial nº11. Vol. 4 nº1. Enero 2004. Disponível em <:http://remi.uninet.edu/2004/01/REMIA011.htm> Acesso em: 24 Nov. 2009. 21:50.

FERREIRA, S.M.S. 2002 "As atitudes do enfermeiro diante da morte" (monografia de bacharelato em enfermagem). Departamento de enfermagem e Nutricao, universidade federal de Sergipe, 2002.

GONZALEZ 1991, Principios básicos de Histotecnologia e citotecnologia. Ministério da Saúde-departamento de Formação. Maputo;

MACHADO, Carlos Alberto.1999. *Cuidar dos Mortos*. Sintra: Instituto de Sintra.

MOGUEL, Leticia Rodrigues et al. 1997, La autopsia: la consulta final. Actas de 8. Simpósio.

MORIN, Edgar.1988 1970. *O Homem e a Morte*. Mem Martins: Publicações Europa – América.

JENIVAL, F. 2011, Medicina legal. 9ª edição. Guanabara Koogan. Rio de Janeiro.

JUNOD, Henri. 1996, Uso e Costumes dos Bantu. Tomo 1. arquivo Histórico de Moçambique.

KOVÁCS, M. J. 2003, Educação para a morte: temas e reflexões. Maria Júlia Kovács. São Paulo: Casa do Psicólogo, Fapesp.

QUEIROZ, Carla 2005, Uso de cadáveres Humanos como Instrumento na construção de conhecimento. Tese de Dissertação de Mestrado em Ciências Ambientais e Saúde. Universidade Católica de Goiás.

REIS, João. José 1996, A morte é uma festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX, São Paulo, Companhia das Letras.

SONDEREGGER, I.K. et al. 2000, "Diagnostic errors in three medical eras": a necropsy study.
Lancet.